

**José de Coelho e Lencastre da Silva Torres**

**Nº 20914**

**Relatório da Prática de Ensino Supervisionada**

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada com vista à obtenção do grau de Mestre em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, nos termos do Decreto-Lei nº 79/2014 de 14 de maio e do Decreto-Lei nº 74/2006, de 24 de março, republicado pelo Decreto-Lei nº 63/2016, de 13 de setembro.

**Trabalho realizado sob a orientação da Professora Doutora Mariana Amaral da Cunha no Instituto Universitário da Maia**

**Junho, 2018**

### **Ficha de Catalogação**

Torres, J. (2018). Relatório da Prática de Ensino Supervisionada. Maia: J. Torres. Relatório da Prática de Ensino Supervisionada para a obtenção do grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, apresentado ao Instituto Universitário da Maia.

**PALAVRAS-CHAVE:** PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA, EDUCAÇÃO FÍSICA, ESTUDANTE ESTAGIÁRIO

## **Agradecimentos**

Para que esta etapa da vida fosse alcançada, foram muitas as pessoas que me ajudaram. Quero, por isso, aproveitar este momento para lhes agradecer.

À Professora Doutora Mariana Amaral da Cunha, um enorme obrigado, por toda a ajuda nesta etapa e pelos conhecimentos transmitidos.

Ao Professor Cooperante Luís Sousa, um profundo e sincero obrigado, por todos os conhecimentos transmitidos, por toda a entrega, generosidade, disponibilidade e paciência na realização deste estágio.

À Direção do Colégio Novo da Maia, agradeço a oportunidade de realizar a Prática de Ensino Supervisionada na sua instituição e também a receptividade, apoio e disponibilidade.

Uma saudação especial aos meus Colegas de Estágio, pela cooperação e pelo apoio ao longo deste ano letivo.

Aos meus Pais e Irmãos por todo o carinho e apoio neste percurso.

A todos, o meu obrigado!



## **Resumo**

A Prática de Ensino Supervisionada é unidade curricular estruturante do 2º ano do 2º ciclo de estudos do Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário do Instituto Universitário da Maia (ISMAI). Esta Prática de Ensino Supervisionada (PES) foi realizada no Colégio Novo da Maia, sob a supervisão da Professora Supervisora e do Professor Orientador Cooperante. O estudante-estagiário conduziu a sua prática pedagógica em turmas do 2º ciclo (6º ano) e do ensino secundário (11º e 12º ano). Este relatório retrata a experiência vivida do estudante-estagiário no ambiente escolar e em contexto real do exercício da atividade profissional do professor, e tem como propósito central a partilha e, em retrospectiva, o desenvolvimento de uma reflexão sobre a reflexão na ação (Schön, 1997, 2000) das aprendizagens adquiridas (teóricas e práticas) ao longo do ano letivo, assim como das dúvidas e dificuldades sentidas. Para a execução deste relatório, foram seguidas as normas vigentes no Documento Orientador da PES do ISMAI. Neste seguimento, o relatório está estruturado em quatro capítulos: I- Dimensão Pessoal e Profissional, II- Prática em Contexto, III- Prática Profissional do Plano da Análise ao da Intervenção, e IV- Reflexão Final da Prática Profissional. O primeiro capítulo compreende uma reflexão biográfica do Estudante-Estagiário nas dimensões pessoal e profissional, desembocando na partilha das suas expectativas iniciais em relação ao ano da PES. O segundo diz respeito à prática e ao seu contexto, sendo feita uma reflexão sobre a importância da PES na formação do futuro professor e do enquadramento institucional e funcional no qual essa experiência decorreu: a escola cooperante Colégio Novo da Maia. No terceiro capítulo é feita uma reflexão crítica de todo o processo da prática profissional, desde as tarefas do professor (planeamento, realização e avaliação do processo de ensino/aprendizagem) às dimensões de intervenção pedagógica (controlo e disciplina dos grupos-turma, organização e gestão da aula, instrução e clima de aprendizagem), participação na escola e relação com a comunidade e, ainda, o desenvolvimento profissional. Por fim, no quarto e último capítulo, é feita uma introspeção final sobre a experiência do ano de PES.

**PALAVRAS CHAVE:** PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA, EDUCAÇÃO FÍSICA, ESTUDANTE ESTAGIÁRIO.



## **Abstract**

The Supervised Teaching Practice is a curricular unit inserted in the 2nd year of the Master's Degree in 'Teaching Physical Education in Basic and Secondary Education' of the University Institute of Maia (ISMAI). This practicum training was held at the Colégio Novo da Maia, under the supervision of the Faculty Tutor and the Cooperating Teacher. The pre-service teacher conducted his pedagogical practice in classes from the 2nd cycle (6th year) and secondary education (11th and 12th years). This practicum report refers to the lived experience of the trainee in the scholar environment and has the purpose of sharing and, in retrospective, developing a reflection-on-action (Schön, 1997, 2000), about the theoretical and practical knowledge acquired by the student as well as the difficulties felt throughout the school-year practicum. The structure of this report is divided in four chapters: I - Personal and Professional Dimension, II - Practice in Context, III - Professional Practice of the Analysis Plan and Intervention, and IV - Final Reflection of Professional Practice. The first chapter includes a reflection on the pre-service teacher's life story and on his initial expectations towards the year of supervised teaching practice. The second chapter concerns the practice and its context, reflecting on the importance of the Supervised Teaching Practice for the professional preparation of the future teacher and presenting the institutional and functional framework offered by ISMAI to develop the practicum experience. The third chapter contains a critical reflection of the whole process of professional practice, from the tasks of the teacher (planning, teaching and evaluation process) to the dimensions of pedagogical intervention (control and discipline, organization and classroom management, instruction and learning climate), participation in school and relationship with the community, and professional development. The fourth and final chapter includes a final reflection on the one school-year practicum experience.

**KEYWORDS:** SUPERVISIONISED TEACHING PRACTICE, PHYSICAL EDUCATION, PRE-SERVICE TEACHER.



# Índice Geral

<b>AGRADECIMENTOS.....</b>	<b>III</b>
<b>RESUMO .....</b>	<b>V</b>
<b>ABSTRACT .....</b>	<b>VII</b>
<b>ABREVIATURAS.....</b>	<b>XI</b>
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>1</b>
<b>I. DIMENSÕES: PESSOAL E PROFISSIONAL .....</b>	<b>3</b>
1.1 UMA DECISÃO A PARTIR DE UM PERCURSO .....	3
1.2 EXPECTATIVAS INICIAIS EM RELAÇÃO À PES.....	5
<b>II. PRÁTICA EM CONTEXTO.....</b>	<b>7</b>
2.1 A IMPORTÂNCIA DA PES.....	7
2.1.1 A PES no ISMAI .....	8
2.1.1.1 Enquadramento legal.....	8
2.1.1.2 Enquadramento institucional.....	8
2.2 A ESCOLA COOPERANTE: LUGAR DE PRÁTICA .....	9
<b>III. PRÁTICA PROFISSIONAL: DO PLANO DA ANÁLISE AO DA INTERVENÇÃO .....</b>	<b>13</b>
3.1 ORGANIZAÇÃO E GESTÃO DO ENSINO E DA APRENDIZAGEM .....	13
3.1.1 Conceção de ensino.....	13
3.1.2 Planeamento .....	14
3.1.2.1 Plano anual .....	14
3.1.2.2 Unidades didáticas.....	15
3.1.2.3 Plano de aula .....	16
3.1.2.4 Reflexão sobre a aula .....	17
3.1.3 Realização .....	18
3.1.3.1 Instrução .....	19
3.1.3.2 Gestão da aula .....	21
3.1.3.3 Disciplina .....	21
3.1.3.4 Clima .....	22
3.1.4 Avaliação .....	23
3.1.5 Construir e (re)construir o conhecimento: Impactos da minha experiência e atuação.....	25
3.2 PARTICIPAÇÃO NA ESCOLA E RELAÇÃO COM A COMUNIDADE .....	27
3.2.1 Atividades Realizadas .....	27
3.2.1.1 Atividades do grupo de EF.....	27
3.2.1.2 Atividades em parceria com outras áreas disciplinares.....	28
3.2.1.3 Atividades dinamizadas pelo grupo de PES.....	28
3.2.1.4 Seminário .....	29
3.2.2 Socialização profissional e institucional .....	30
3.2.3 Fazer aprender para lá da aula: Impactos da minha experiência e atuação .....	31
3.3 DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL .....	33
3.3.1 Dificuldades e necessidade de formação.....	33
3.3.2 Formação contínua: Um imperativo da profissão .....	34
<b>IV. REFLEXÕES FINAIS.....</b>	<b>37</b>
4.1 EXPERIÊNCIA PESSOAL E PROFISSIONAL .....	37
4.2 COMPONENTE ÉTICO-PROFISSIONAL .....	37
4.3 REALIDADE DO CONTEXTO ESCOLAR: IMPACTO DA PES .....	38
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>41</b>



## **Abreviaturas**

CNM – Colégio Novo da Maia

EE – Estudante-Estagiário

EF – Educação Física

EEFEBS - Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário

ISMAI – Instituto Universitário da Maia

SV – Professora Supervisora

OC – Professor Orientador Cooperante

PES – Prática do Ensino Supervisionada



## Introdução

A Prática de Ensino Supervisionada (PES) foi realizada no ano letivo 2017/2018, no âmbito da unidade curricular com a mesma designação inserida no segundo ano do 2º ciclo de estudos conducente ao grau de Mestre em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário (EEFEBS), do Instituto Universitário da Maia (ISMAI).

A PES realizou-se no Colégio Novo da Maia (CNM), que se situa no Concelho da Maia. É um estabelecimento de ensino particular em funcionamento desde 2001, tem uma oferta educativa que engloba os três níveis de ensino (pré-escolar, básico e secundário). O Colégio tem uma área de 12.300m<sup>2</sup>, dos quais 8.800m<sup>2</sup> são de zonas exteriores como jardins e áreas desportivas e de lazer, sendo constituído por três polos interligados entre si. A comunidade educativa identifica-se amplamente com uma cultura de escola que conduz a uma liberdade de grupo e individual, manifestando-se de forma colegial com confiança, transparência e credibilidade. Neste enquadramento, o colégio rege-se por três pilares fundamentais: Liberdade, Responsabilidade e Cooperação. Com um ensino que incentiva à descoberta, o CNM orgulha-se dos bons resultados que conseguiu no ranking nacional das escolas.

No decurso do ano letivo fiquei responsável pelas turmas do 6º ano, 11º ano e 12º ano do professor orientador cooperante (OC). Todo o trabalho inerente à conceção, planeamento, realização e avaliação da turma foi da minha responsabilidade, sempre acompanhado e orientado pelo OC.

A PES, vulgo estágio profissional, é entendida como o culminar de um processo de construção de conhecimentos, teóricos e práticos, adquiridos ao longo da formação inicial (Batista & Queirós, 2013). Para Andrade (2005, p. 2), “o estágio é uma importante parte integradora do currículo, a parte em que o licenciado vai assumir pela primeira vez a sua identidade profissional e sentir na pele o compromisso com o aluno, com a sua família, com a sua comunidade e com a sua instituição escolar que representa a sua inclusão civilizadora, com a produção conjunta de significados em sala de aula, com a democracia, com o sentido de profissionalismo que implique competência de fazer bem o que lhe compete.” Alarcão (1996), reforça este entendimento ao referir que o papel do estágio profissional assegura experiências significativas da realidade prática, capazes de promover as competências necessárias ao desempenho autónomo e eficaz do futuro professor.

As expectativas para a PES eram elevadas, queria ser capaz de transmitir aos meus alunos todos os conhecimentos teóricos e práticos adquiridos até então, pretendia também ter a

capacidade de proporcionar aos alunos momentos de libertação, reflexão e satisfação. Tinha também a expectativa de criar um bom relacionamento interpessoal e intergeracional com toda a comunidade educativa. Entre a licenciatura e o mestrado fiz um interregno de quatro anos por questões profissionais. Voltar a estudar e a ser avaliado, criou em mim uma grande motivação, empenho, sentido de responsabilidade e expectativa em relação ao futuro, embora me trouxesse também, alguma ansiedade e insegurança.

Consciente da exigência deste desafio e todo o trabalho inerente a esta etapa, tive um árduo trabalho para além da aula ao longo de todo o ano letivo. Foi na preparação da aula e no seu planeamento que me senti mais motivado. Acredito que foi a conceção deste planeamento que me permitiu assistir com enorme entusiasmo à evolução dos alunos.

Nesta medida, o presente documento retrata a experiência vivida do estudante-estagiário no ambiente escolar e em contexto real do exercício da atividade profissional do professor, e tem como propósito central a partilha e, em retrospectiva, o desenvolvimento de uma reflexão sobre a reflexão na ação (Schön, 1997, 2000) das aprendizagens adquiridas (teóricas e práticas) ao longo do ano letivo, assim como das dúvidas e dificuldades sentidas.

O Relatório da PES subdivide-se em quatro grandes capítulos, a saber: I- Dimensão Pessoal e Profissional; II- Prática em Contexto; III- Prática Profissional da Análise ao da Intervenção; IV- Reflexão Final da Prática Profissional. O primeiro capítulo compreende uma reflexão biográfica do Estudante-Estagiário (EE) nas dimensões pessoal e profissional, desembocando na partilha das suas expectativas iniciais em relação à PES. O segundo diz respeito à prática e ao seu contexto, sendo feita uma reflexão sobre a importância da PES na formação do futuro professor e do enquadramento institucional e funcional no qual essa experiência decorreu: a escola cooperante CNM. No terceiro capítulo é descrito e interpretado todo o processo da prática profissional e a sua conceção. Por fim, no quarto e último capítulo, é feita uma introspeção final sobre a experiência de PES.

## **I. Dimensões: Pessoal e profissional**

### **1.1 Uma decisão a partir de um percurso**

*“É impossível separar o eu profissional do eu pessoal. A identidade não é um produto, um dado adquirido, é lugar de lutas e conflitos, um espaço de construção de formas de ser e estar na profissão. A construção das identidades passa pela construção da história pessoal e profissional e precisa de tempo para refazer concepções, acomodar inovações, assimilar mudanças. O modo de ensinar está diretamente ligado àquilo que o professor é como pessoa quando exerce o ensino.”*

(Nóvoa, 2000, p. 17)

De forma a dar a conhecer a minha identidade é importante saber sobre o meu passado e presente, pois seguramente que estes assumem um papel preponderante naquilo que serei no futuro. Para Rego (2003, p. 16) “a escola e a família compartilham funções sociais, políticas e educacionais, na medida em que contribuem e influenciam a formação do cidadão”. A concepção do que sou enquanto professor, começou bem mais cedo do que o meu ingresso no curso de licenciatura de EF e desporto no ISMAI. Importa, assim, descrever todo esse trajeto, dar a conhecer as influências a que fui sujeito, os gostos pessoais e as expectativas em relação ao meu futuro profissional.

Nasci na cidade da Maia e sou o mais novo de três irmãos. Sou também o décimo oitavo, de vinte e oito netos. Nenhum deles está profissionalmente ligado ao ensino nem ao desporto, mas foi com eles que aprendi a jogar a maioria das modalidades e me apaixonei pelo desporto. A minha infância e juventude foram passadas numa quinta, na cidade da Maia, onde tive oportunidade de brincar livremente e estar em contacto com a natureza, estou convicto que esta etapa da minha vida teve uma grande influência na escolha do meu caminho profissional.

Ao contrário da minha geração, na anterior, há uma grande afluência de docentes, sete das minhas dez tias são professoras. Inevitavelmente nos momentos de família, acabavam por conversar sobre as aulas e a escola. Sempre fiquei muito interessado ao ouvir as suas histórias. Creio que inconscientemente terão tido alguma influência sobre a minha vontade de um dia ser professor.

A minha primeira atividade desportiva foi a natação. Os meus pais acharam importante que aprendesse a nadar desde cedo. Tinha três ou quatro anos de idade quando a iniciei. Não obstante, as minhas grandes paixões sempre foram a equitação e o futebol. Desde tenra idade que andava a cavalo no colo do meu pai, e aos cinco anos tive um pônei, o Júnior. Com ele dei os primeiros passos e trambolhões no mundo da equitação. Apesar de ter dado algumas quedas mais violentas e até ter fraturado os dentes, nunca desmotivei e aos oito anos fazia corridas de velocidade de pônei. Tínhamos os cavalos em casa dos meus avós. Por norma, quando saíamos da escola, íamos montar durante duas horas, andávamos em picadeiro e em pinhal. Aos dez anos fiz a transição do pônei para o cavalo e iniciei o meu percurso nas provas de obstáculos, fui federado durante oito anos e tive a felicidade de ganhar vários troféus. Paralelamente, treinava futebol num clube da cidade da Maia. Os treinos eram ao final da tarde, o que me permitia conciliar as duas atividades. No futebol fui federado menos tempo do que na equitação, uma vez que os jogos e as provas coincidiam em muitos fins de semana.

Também aprecio o desporto motorizado, embora nunca tenha sido federado, gostava de andar de karting e acompanhava sempre que possível os treinos e as provas que o meu irmão fazia. A nossa mãe achava este desporto muito perigoso e não gostava muito que praticássemos a modalidade.

À semelhança da relação informal com as minhas tias professoras, não tenho dúvidas que toda esta experiência desportiva, mais ou menos estruturada, se manifestou nas minhas decisões académicas e profissionais futuras.

Antes de entrar para a faculdade estive indeciso entre o curso de Economia e Desporto. Um dos fatores que pesou na minha decisão pelo desporto, foi o facto de me rever no papel de (alguns) dos meus professores de EF, a energia que dispunham, a alegria com o que o faziam, o sentido de amizade e carinho pelos alunos, fizeram despertar em mim o interesse pela profissão. Sem o saberem, estes professores influenciaram o meu trajeto académico, as minhas escolhas profissionais, a minha identidade profissional. Tentei que no decorrer da PES, os meus alunos me vissem como um exemplo, não só pelas competências profissionais, mas também como cidadão, tal como aconteceu quando era eu o estudante do ensino secundário. O facto de gostar de trabalhar com crianças e não me conseguir imaginar fechado num gabinete durante oito horas, também influenciaram a minha decisão. Tive medo de me arrepender, mas hoje sei que fiz a escolha certa.

Aos dezoito anos entrei para o ISMAI para o curso de EF e Desporto, a partir desse momento deixei de praticar equitação e futebol de forma regular. No entanto, sempre que tenho

disponibilidade pratico exercício físico: jogo padel uma vez por semana, costume fazer musculação e corrida com alguma regularidade.

Quando frequentava o segundo ano da faculdade iniciei a minha vida profissional. Fiz trabalhos temporários para uma marca desportiva durante dois anos. O meu trabalho consistia em analisar a passada dos clientes que praticavam corrida e jogging, num formato 3D, depois de feita a análise, os clientes eram aconselhados a comprar sapatilhas de acordo com as suas características e especificidades.

No terceiro ano do curso, iniciei o meu estágio no projeto Dragon Force, no Vitalis Park, mantendo-me em funções até ao momento. Inicialmente fiz um estágio como treinador, posteriormente convidaram-me para ficar no Dragon Force de forma efetiva. Passados quatro anos, propuseram-me um novo desafio, iniciar e coordenar o projeto Dragon Force CNM, no qual ainda estou envolvido até ao dia de hoje. Estes sete anos no Dragon Force têm sido de grande aprendizagem, quer a nível profissional como pessoal. Sinto que esta experiência tem sido uma mais valia e que consegui transportar para a PES a segurança que adquiri na forma de comunicar, planear, avaliar, agir e ajustar nas mais diversas situações.

Foi este projeto o grande responsável pela pausa de quatro anos entre a conclusão da licenciatura e o início do mestrado. Neste intervalo, comecei a dar aulas de natação nas Piscinas Municipais da Maia e a lecionar a atividade extracurricular de EF em escolas de primeiro ciclo no Porto. Este percurso profissional foi o ponto de partida para ter a certeza que queria completar a última etapa do meu ciclo académico: ser professor de EF.

Curiosamente todo meu percurso escolar e académico foi realizado na Cidade que me viu nascer.

## **1.2 Expetativas iniciais em relação à PES**

Passados nove anos desde o dia em que entrei no ISMAI, contando com os quatro anos de interregno académico entre a licenciatura e o mestrado, chegava finalmente o dia com que tanto sonhei: início da experiência PES, vulgo estágio, como professor de EF.

Em Setembro de 2017, tudo se tornou real: o contexto, os alunos, a problemática do espaço/material, o planeamento... O ponto de partida para a vida profissional.

Como afirma Pimenta (2005, p. 70) “a finalidade do Estágio Supervisionado é proporcionar que o aluno tenha uma aproximação à realidade na qual irá atuar. Portanto, não deve colocar o

estágio como polo prático do curso, mas como uma aproximação à prática, na medida em que será conseqüente à teoria estudada no curso, que, por sua vez, deverá se constituir numa reflexão sobre e a partir da realidade da escola”.

O CNM foi a minha primeira opção quando me candidatei à PES e, felizmente, consegui ficar colocado nessa instituição de ensino. Foram várias as razões que me levaram a tê-lo como primeira opção. Desde logo por conhecer a instituição e os valores pelo qual se pauta e por ter presente o sentido de responsabilidade e exigência que é trabalhar no Colégio. Paralelamente, a minha zona de residência é muito próxima da escola, o que facilitaria nas deslocções.

Antes de iniciar esta etapa, coloquei-me algumas vezes em causa: “Será que estou preparado? Por onde e como é que devo iniciar? Será que vou ser bem-sucedido?”.

Segundo Joerger e Bremaer (2001) o ano de estágio é uma fase sensível e fundamental no percurso profissional do professor, já que pode interferir na sua capacidade de se tornar um profissional competente.

Conhecedor do meio escolar em que ia estar inserido, tinha uma enorme expectativa sobre a exigência a que estaria sujeito diariamente. Foi essa a inspiração para nunca desistir e querer sempre ser capaz de superar os obstáculos que iam aparecendo no caminho, como por exemplo, o elevado número de alunos por turma, e com a convicção que quando acabasse a PES nesta escola, estaria pronto para ensinar em qualquer outra escola do país.

Sinto que o meu grande dever seria tentar inspirar e incutir o gosto pelas aulas de EF e pelo desporto aos meus alunos; queria proporcionar-lhes um bom ensino, capaz de promover o seu desenvolvimento, tanto a nível das habilidades motoras, como a nível da cultura desportiva e também da dimensão psicossocial (valores e atitudes), para que sejam elementos ativos, responsáveis e civilizados na sociedade.

Sei que vivemos numa sociedade cada vez mais tecnológica e informatizada, por isso, senti que tinha um grande desafio pela frente.

## II. Prática em contexto

### 2.1 A importância da PES

*"Marcada por intensas aprendizagens que possibilitam ao professor a sobrevivência na profissão, sendo um período rico em termos de novas experiências pedagógicas, durante o qual se confrontam expectativas e realidades."*

*(Pacheco & Flores, 1999)*

A PES assume uma grande importância, pois é a concretização de um processo de formação, que "visa a integração do estagiário no exercício da vida profissional de forma progressiva e guiada, através da prática de ensino supervisionado em contexto prático. Este permite o desenvolvimento de competências profissionais que promovam no futuro docente um desempenho crítico e reflexivo, capaz de responder aos desafios e exigências da profissão". (Matos, 2009, p.3)

A PES é mais uma etapa na formação do futuro docente, mas agora num contexto prático e real de ensino. Na minha perspectiva, o grande enfoque da PES é a formação de professores conscientes de que a prática docente envolve comportamentos de observação, reflexão crítica e reorganização das suas ações. Formosinho (2001, p.29) corrobora esta aceção ao referir que "o estágio é a fase de prática docente acompanhada, orientada e refletida, que serve para proporcionar ao futuro professor uma prática de desempenho docente global em contexto real que permita desenvolver as competências e atitudes necessárias para um desempenho consciente, responsável e eficaz". Assim sendo, contextualizar a prática de ensino, implica ser capaz de observar numa vertente reflexiva o ambiente de aprendizagem, tendo em conta o contexto onde se desenvolve a ação educativa, analisando o meio, o espaço envolvente, o espaço institucional, a sala de aula, a organização da rotina diária dos alunos, a dinâmica educativa e as interações aluno-aluno e relação professor-aluno. O professor deve observar os alunos enquanto grupo, mas tendo em conta as particularidades e especificidades de cada um, numa prática de inclusão e integração.

Pelo exposto, finalizar o mestrado em EEFEBs não significa conseguir o desenvolvimento pleno de competências inerentes à profissão docente, visto que a formação deve ser contínua e constante ao longo da vida da profissional.

## 2.1.1 A PES no ISMAI

### 2.1.1.1 Enquadramento legal

A PES no campo da docência, em Portugal, encontra-se superiormente enquadrada pelo Decreto-Lei nº 79/2014 de 14 de maio, que especifica as condições de obtenção de habilitação profissional para a docência.

Todas as áreas de docência do ensino não superior, à exceção da docência em jardim infantil ou do 1.º ciclo de escolaridade, obrigam à conclusão de um curso especializado de 2º ciclo (grau de Mestre) para um domínio de docência, com uma duração de 4 semestres (120 unidades de crédito do sistema europeu - ECTS)

### 2.1.1.2 Enquadramento institucional

A unidade curricular PES no ISMAI está inserida no 2º ciclo de estudos em EEFEBS, mais especificamente nos 3º e 4º semestres e é constituída pela Prática Pedagógica em contexto real de ensino, na escola e pelo Relatório Final, que tem que ser defendido perante um júri em provas públicas.

Para a operacionalização da PES, o ISMAI estabelece protocolos com uma rede de escolas cooperantes, que inclui a escolha de um professor OC, um professor de EF experiente para acolher e orientar um grupo de 2 ou 4 EE (núcleo da PES), durante um ano letivo, cada qual assumindo turmas do OC para concretização da sua PES. Para além do OC, que assume um papel decisivo no acompanhamento dos EE, cada núcleo de estágio conta ainda com a orientação de um docente do ISMAI que coordena a sua ação de supervisão com o OC e orienta a elaboração do relatório final dos respetivos EE: o/a professor/a SV. Na PES estão definidas três áreas de desempenho que procuram ser um veículo de desenvolvimento das competências profissionais que o EE terá de dominar para exercer a profissão de ser professor de EF, designadamente: 1 - Organização e gestão do ensino e da aprendizagem, 2 - Participação e relação com a comunidade, e 3 - Desenvolvimento profissional.

## 2.2 A escola cooperante: Lugar de prática

*“A escola constitui um contexto diversificado de desenvolvimento e aprendizagem, isto é, um local que reúne diversidade de conhecimentos, atividades, regras e valores e que é permeado por conflitos, problemas e diferenças”*

(Mahoney Schweder & Stattin, 2002, p.32)

A escola onde realizei a PES, o CNM, situa-se no Concelho da Maia, na freguesia de Milheirós.

A cidade da Maia beneficia da sua excelente localização e tem vindo a crescer nos últimos anos. Segundo o relatório divulgado pela Comissão de Coordenação Regional, no intervalo compreendido entre os anos de 2006 e 2016, o município da Maia, foi aquele que mais cresceu em termos populacionais na Área Metropolitana do Porto.

O Colégio, é um estabelecimento de ensino particular, situado no Concelho da Maia, freguesia de Milheirós, a funcionar desde 2001, com oferta educativa para os 3 níveis de ensino (pré-escolar, básico e secundário). Com um ensino articulado e sequencial, que inspira à descoberta, orgulha-se de um percurso que já levou a importantes conquistas num *ranking* oficial das escolas. A comunidade educativa identifica-se amplamente com uma cultura de escola que conduz a uma liberdade de grupo e individual, manifestando-se de forma colegial com confiança, transparência e credibilidade. Neste enquadramento, o colégio rege-se por três pilares fundamentais: Liberdade, Responsabilidade e Cooperação. Com a Liberdade, procura promover e valorizar o direito de manifestar livremente opiniões, ideias e pensamentos, pelo exercício livre da crítica. Na Responsabilidade, revê-se na assunção da construção de si e do Colégio através do respeito pelo cumprimento das normas vigentes e do exercício crítico da participação numa lógica de contínuo aperfeiçoamento. Com a Solidariedade, atenta à promoção da consciência de uma cidadania planetária a partir de nós, do Colégio, do mundo e da nossa capacidade, pela ação de o tornar melhor. Estes princípios vão de encontro ao que Oliveira (2000, p. 68) afirma, “a escola trata-se de um ambiente multicultural que abrange também a construção de laços afetivos e preparo para inserção na sociedade”.

O Colégio tem uma área de 12.300m<sup>2</sup>, dos quais 8.800m<sup>2</sup> são de zonas exteriores como jardins e áreas desportivas e de lazer, sendo constituído por três Polos interligados entre si:

- Pólo I, edifício que se destina ao ensino do pré-escolar e aos seus serviços sociais e administrativos, tais como, berçários, salas para diversas atividades, cantina e secretaria;

- Pólo II, edifício que se destina ao ensino básico (1.º, 2.º e 3.º ciclos) e aos seus serviços sociais e administrativos, tais como, gabinete da direção, salas de aula, cantina e secretaria;

- Polo III, edifício que se destina ao ensino secundário e aos seus serviços sociais e administrativos, tais como, salas de aula, laboratórios, cantina, tesouraria e vestiários.

Relativamente às instalações desportivas, estas são de excelência. A escola possui dois pavilhões gimnodesportivos situados no polo II e III, um campo exterior e ainda um estúdio no polo I. O material existente é em grande quantidade e diversidade e está em excelentes condições.

Importa também referir que o Colégio integra, já há vários anos, núcleos de estágio de distintas áreas disciplinares, e esta é a segunda vez que um grupo de estágio de EF do ISMAI é acolhido no Colégio. Fomos, no ano letivo 2017/2018, três EE e cinco professores efetivos no departamento de EF.

O ambiente que se vive nesta escola é muito agradável, professores, alunos e auxiliares, estão todos em sintonia. Há diálogo e cooperação entre todas as partes. Relativamente ao corpo docente, há uma enorme disponibilidade e entreajuda. Na sala dos professores o ambiente é alegre e saudável. Na sua maioria as turmas não são muito grandes, o que facilita na comunicação e liderança das aulas. Os alunos sabem-estar na sala de aula, na sua maioria respeitam-se uns aos outros e também respeitam o professor. Quase todos têm aptidão para o desporto e demonstram alegria na execução das tarefas propostas na aula. Os auxiliares estão sempre atentos e perto dos alunos e professores, é de notar que há sempre um auxiliar de ação educativa disponível nas aulas de EF do primeiro ciclo.

No que diz respeito à atribuição de turmas, fiquei responsável pelo 6º A, 11º B/C e 12º B/C/D.

A turma do 6ºA era constituída por 28 alunos, 14 rapazes e 14 raparigas, formavam um grupo bastante heterogéneo tanto no comportamento, como no domínio da expressão motora. A aula de terça-feira era às 8h20m, poucas foram as vezes que a turma estava completa a essa hora, o que me levou a ter que ajustar ao longo do período a primeira situação de aprendizagem da aula. Dada esta circunstância, no planeamento, introduzia exercícios em que o número de alunos não influenciasse a dinâmica do mesmo, para não haver necessidade de estar a interromper a aula enquanto os alunos iam chegando. Uma vez que lecionei esta turma no terceiro período, já sabia algumas das dificuldades que poderia encontrar. Assim, optei por iniciar o período com a UD de Badminton, em detrimento das modalidades coletivas, o que me permitiu ter o grupo mais organizado e calmo.

A turma do 11º B/C era constituída por 20 alunos, 8 rapazes e 12 raparigas. Todas as alunas sem exceção eram exemplares no seu comportamento. Pelo contrário, na maioria das situações em que envolvia competição, os rapazes tinham frequentemente atitudes inadequadas. Após uma reflexão, optei por premiar quem tinha um comportamento de excelência perante todo o grupo, dando uma pontuação positiva em cada atividade esperando, assim, desencadear reações positivas no decorrer das aulas. Estratégia esta, que se revelou eficaz no decorrer do período.

A turma do 12º B/C/D era constituída por 15 alunos, 5 rapazes e 10 raparigas. Tratava-se de uma turma bastante homogénea, quer a nível técnico como a nível comportamental. Era um grupo assíduo, pontual e motivado para a aprendizagem. Todas estas características, assim como o número reduzido de alunos e a sua maturidade, tornaram o planeamento mais simples e a prática mais eficaz.



### **III. Prática Profissional: Do plano da análise ao da intervenção**

#### **3.1 Organização e gestão do ensino e da aprendizagem**

##### **3.1.1 Conceção de ensino**

*“A planificação, a análise e avaliação do ensino são, justamente, necessidades e momentos desencandadores de reflexão acerca da teoria e prática do ensino. Por isso mesmo, aumentam a competência didática e metodológica e geram segurança de ação.”*

(Bento, 2003, p. 101)

O modo como se ensina a matéria aos alunos depende não só do conhecimento que o professor tem da disciplina, mas também das suas convicções e crenças do ensino e aprendizagem (Graça, 1999). Aliado a isso, para o bom desenvolvimento integral do aluno, é da responsabilidade do professor planear e ajustar o programa definido a nível nacional, ao seu contexto, à sua realidade e à sua organização (Graça, 1999).

Sendo o planeamento essencial para uma eficaz gestão do processo de ensino-aprendizagem, Bento (2003, p.16) refere ainda que “uma melhor qualidade do ensino pressupõe um nível mais elevado do seu planeamento e preparação”. Nesta medida, é fundamental que o professor reflita acerca da docência, da disciplina, do currículo, e analise também com rigor o programa nacional de EF, documento orientador central, de modo a estabelecer objetivos, conteúdos, metodologia e respetiva avaliação.

Não menos importantes, são os documentos locais e estruturantes do Colégio, como o regulamento interno, o plano anual de atividades e o projeto educativo. Todos estes documentos mereceram uma leitura atenta e constituíram a base da minha conceção de ensino.

O regulamento interno é o documento que define o regime de funcionamento do CNM, de cada um dos seus órgãos, estruturas e serviços, bem como os direitos e deveres dos membros da comunidade educativa. O documento aplica-se a todos os membros da comunidade escolar.

O plano anual de atividades é o documento estruturante que tem como objetivo principal planificar e operacionalizar as atividades a desenvolver ao longo do ano letivo no Colégio. De salientar que toda a conceção foi planeada em conformidade com este documento.

O projeto educativo é o documento orientador onde se encontram implícitas as políticas educativas, metas e os princípios orientadores da instituição. Pelo exposto, foi crucial na aquisição de uma grande variedade de conhecimentos, que me auxiliaram na definição de

objetivos, estratégias e tomadas de decisão na minha intervenção didático-pedagógica.

Assim, a conceção de ensino é específica de cada estabelecimento de ensino e professor e tem uma grande influência na forma como este transmite o conhecimento aos seus alunos. É a base e suporte de todo o processo de ensino e aprendizagem.

### 3.1.2 Planeamento

*“Na planificação são determinados e concretizados os objetivos mais importantes da formação e educação da personalidade, são apresentadas as estruturas coordenadoras de objetivos e matéria, são prescritas as linhas estratégicas para a organização do processo pedagógico.”*

(Bento, 2003, p.15)

O ato de planear é das componentes mais importantes do processo de ensino-aprendizagem. Segundo Bento (2003), o processo de ensino-aprendizagem está associado à aquisição de estruturas e diretrizes essenciais nas tarefas e processos pedagógicos. O mesmo autor defende que as estratégias para a organização do processo pedagógico dependem da planificação, matérias e objetivos. Deste modo, o planeamento assume-se como uma das premissas fundamentais na profissão docente, este liga a própria qualificação do professor ao processo de ensino-aprendizagem do aluno.

Importa ainda salientar que na execução do planeamento, o professor deve ter em conta a importância do programa, assim como o meio em que a escola se insere e também o contexto dos alunos.

Ao longo do ano letivo, o planeamento dividiu-se em três níveis distintos - planeamento anual, planeamento da unidade didática e plano de aula (Bento, 2003).

#### 3.1.2.1 Plano anual

O plano anual foi o primeiro a ser realizado e diz respeito ao planeamento de todas as unidades didáticas (UD), ou seja, as modalidades desportivas a lecionar durante o ano letivo, como também, aos respetivos objetivos gerais, principais decisões didáticas e os parâmetros de avaliação. Nesse sentido, foi importante ter um conhecimento profundo não só da matéria, dos

conteúdos e dos alunos, mas também de toda a logística que uma aula está sujeita. É importante ter em consideração o número de aulas e os espaços disponíveis, para que o planeamento seja elaborado de forma consciente e adequada.

Na primeira reunião do grupo de EF ficou definido pelo OC em concordância com os EE, o sistema rotativo das turmas que os EE iriam lecionar, assim como, as UD que cada um iria ensinar durante o ano letivo.

No que diz respeito à rotatividade das turmas, ficou estabelecido que no primeiro período iria lecionar uma turma do 12º ano, no segundo período uma turma do 11º ano e no terceiro período uma turma do 6º ano.

### 3.1.2.2 Unidades didáticas

A UD estabelece-se como uma base de ação para o professor podendo, no entanto, ser ajustada e alterada durante a sua aplicação prática. Não se apresenta como inalterável, constituindo-se apenas, como um conjunto de hipóteses teóricas capazes de suportar os planos de aula. É preponderante, que o professor seja capaz de estar pronto para a mudança e adaptação a situações imprevisíveis que podem surgir numa aula, mesmo com uma planificação correta, pensada e estruturada. Devemos estar preparados para dar uma resposta positiva às diferentes necessidades dos alunos. Indo de encontro ao que afirma Bento (2003), o ensino é criado duas vezes, no momento da conceção e do planeamento e depois na realidade, visto que muitas vezes existem as referidas alterações.

Por conseguinte, no que diz respeito ao planeamento das UD, ficou definido que iríamos abordar cada UD ao longo de oito aulas e com a duração de 75 minutos cada. Contudo, poderíamos alterar o número de aulas por cada UD se assim justificasse um melhor desenvolvimento do processo de aprendizagem dos alunos. Para Bento (2003), o planeamento funciona como um guia para o professor, sendo uma ajuda importante. No entanto, não é algo imutável, ou seja, pode ser sujeito a alterações sempre que necessário.

Tivemos necessidade de alterar o planeamento do número de aulas de algumas UD, por força das circunstâncias, designadamente no que diz respeito à capacidade demonstrada pelos alunos ao longo dessas mesmas UD e também pela questão da gestão do espaço e dos recursos materiais, em que foi necessário estar em constante sintonia com os outros professores do departamento de EF.

Para a concretização deste nível de planeamento, supor-tei-me em alguns dos pressupostos do Modelo de Estrutura do Conhecimento de Vickers (1990), nomeadamente, na extensão e sequência dos conteúdos das distintas atividades (i.e., modalidades desportivas), correspondente à fase de decisões do respetivo modelo.

As modalidades por mim abordadas durante o ano letivo foram: o andebol, o basquetebol e o hóquei em campo no primeiro período; a ginástica e o voleibol no segundo período; o badmínton e futsal, no terceiro e último período letivo.

### 3.1.2.3 Plano de aula

Para Vickers (1990), um conhecimento aprofundado e estruturado, tem como base uma boa planificação e assume a função de orientar o processo de ensino-aprendizagem.

A elaboração do plano de aula engloba a tomada de decisões importantes e é fundamental que o professor não coloque de parte o planeamento global que já realizou até ao momento. “O Plano de Aula é a unidade básica de planeamento e uma forma detalhada e pormenorizada do planeamento de ensino adaptado e aplicado à sala de aula” (Bossle, 2002, p. 33). É importante compreender o plano de aula. Este tem a função de ser um documento guia, que contém informação relevante para a realização da aula e que controla a organização da mesma assim como, dos alunos, das tarefas, do material e do tempo dos exercícios. Este documento deve ser redigido de uma forma simples e de fácil compreensão, para que possa ser consultado em qualquer altura e por outro professor. Deve conter todos os conteúdos fundamentais da aula, contribuindo assim, para o êxito do processo de ensino. Importa ainda referir, que o plano deve servir de apoio e orientação para o bom funcionamento da aula, mas deve estar sujeito à adaptação, à alteração e à reformulação, a qualquer momento, se o contexto da aula assim o indicar.

Neste seguimento, tive como prioridade ao longo do ano letivo, potencializar o desenvolvimento integral dos alunos. Foi feito um planeamento metuculoso no que concerne à gestão das unidades de ensino a lecionar durante o ano, como também na organização dos espaços e do material a utilizar para um melhor aproveitamento do processo ensino-aprendizagem.

Ao longo do ano letivo, pude constatar que o conhecimento que detinha acerca das diferentes modalidades, permitia-me em algumas, um planeamento da aula mais eficaz e com exercícios mais criativos. Não obstante, trabalhei as lacunas que tinha nas modalidades em que não me

sentia tão à vontade.

Importa então referir, que ao longo das aulas, em algumas situações em particular, fiz alterações ao plano da aula no decorrer da mesma, resultantes de uma reflexão na ação (Schön, 1997, 2000), como comprova a seguinte citação:

“Como os alunos estavam a ter bastante sucesso no jogo no que diz respeito aos gestos técnicos/ táticos e estavam empenhados e focados, ajustei o plano de aula e não realizei o terceiro exercício que estava planeado.” (Reflexão, aula nº39, 20 de Fevereiro de 2018, UD de voleibol).

Estas ações resultantes da imprevisibilidade da realização do processo de ensino e aprendizagem, prenderam-se com questões relacionadas com o sucesso ou insucesso dos alunos em determinados exercícios, com o número de alunos que por vezes faltavam à aula ou tinham dispensa, com a necessidade de em alguns momentos acrescentar algumas variantes ou pela simples razão do exercício não estar a decorrer conforme o que tinha sido planeado, surgindo a necessidade de alterar e ajustar o plano de aula.

### 3.1.2.4 Reflexão sobre a aula

No final de cada aula realizei reflexões escritas. Estas tornaram-se extremamente importantes para o meu crescimento e desenvolvimento enquanto professor, permitiram-me pensar sobre os aspetos positivos e menos positivos que emergiam das aulas lecionadas.

Assim, para uma melhor compreensão, exponho algumas das reflexões feitas ao longo do ano e respetivas considerações.

“A gestão do espaço e da turma foi realizada de forma dinâmica para que não houvesse paragens nem perdas de tempo. O espaço atribuído para o desenvolvimento dos exercícios foi bem definido o que, por conseguinte, permitiu um bom controlo sobre a turma. Relativamente à transmissão de informação de conteúdo, senti-me confortável na comunicação com os alunos e a corrigir o que não estava tão bem durante os exercícios.” (Reflexão, aula nº 6, 25 de Setembro 2018, UD de andebol)

A ponderação sobre a sexta aula lecionada, permitiu-me compreender que a gestão do espaço e da turma é fundamental para um ensino eficaz. Assim, procurei ter sempre em atenção, na planificação das aulas seguintes a gestão do espaço e recursos materiais, para que aula decorresse de forma fluida e com as mínimas interrupções.

Tentando alcançar aulas com uma maior intensidade e rendimento a nível de expressão motora dos alunos, na décima quinta aula, identifiquei que para atingir este objetivo, era mais vantajoso realizar no máximo três exercícios em cada aula. Passo a citar a reflexão feita nesta aula:

“A aula decorreu conforme o que tinha planeado, os alunos cooperaram e estiveram empenhados. Consegui que os exercícios tivessem uma boa dinâmica e fossem intensos. Julgo que em 75 minutos de aula, três exercícios é o mais produtivo para a turma, não despendemos tempo em transições (montagem de campos), assim como na explicação dos exercícios.” (Reflexão, aula nº 15, 2 de Novembro de 2018, unidade didática basquetebol).

Após reflexão da vigésima aula, na planificação das aulas seguintes, tive uma mudança de estratégia, uma vez que verifiquei que nos exercícios de condição física feitos de uma forma analítica, os alunos não estavam tão motivados e focados na tarefa. Optei assim, por colocar sempre que possível, exercícios com bola aliada à condição física. Verificando uma alteração comportamental, parte dos alunos na realização dos exercícios:

“Os alunos demonstraram maior empenho e dedicação nos jogos com bola, nos exercícios sem bola (condição física) foi mais difícil mante-los focados e motivados nas tarefas propostas.” (Reflexão, aula nº 20, 20 de Novembro de 2018, UD basquetebol).

Para Alarcão (2007, p. 41), o professor reflexivo assume-se como “uma pessoa que, nas situações profissionais, tantas vezes incertas e imprevistas, atua de forma inteligente e flexível, situada e reativa”. Neste sentido, importa referir o valor da reflexão, no qual o professor (re)constrói o seu conhecimento, que irá ter reflexos na sua ação. Retomando a perspetiva de Alarcão (2007, p. 46), “queremos que os professores sejam seres pensantes, intelectuais, capazes de gerir a sua ação profissional”.

### 3.1.3 Realização

*“No decurso da sua vida profissional um professor dá mais de 2000 aulas. Estas aulas exigem uma boa preparação. Devem estimular os alunos, no seu desenvolvimento. Devem ser também horas felizes para o professor, proporcionando-lhe sempre alegria e satisfação renovadas na sua profissão.”* (Bento, 2003, p.101)

É na realização do processo de ensino que o professor tem uma intervenção prática, ocorre a aprendizagem por parte dos alunos, isto é, onde o professor passa do plano mais acadêmico e teórico para o plano mais prático. Segundo Bento (2003), na realização do ensino da EF a aula constituiu uma ligação no processo de educação e formação.

Importa, por esse motivo, descrever, como foi a realização da minha experiência de PES. Foquei-me nas quatro dimensões de intervenção pedagógica: instrução, gestão, disciplina e clima de aula. Siedentop (1998) refere que as quatro dimensões do processo ensino-aprendizagem estão sempre presentes de uma forma simultânea em qualquer momento de ensino.

### 3.1.3.1 Instrução

No que diz respeito à instrução, esta tem expressão na relação entre professor e aluno. Está associada ao comportamento do professor, e relaciona-se diretamente com os objetivos de aprendizagem (Siedentop, 1991).

A instrução depreende a comunicação dos conteúdos da matéria de ensino, assim como, a sua explicação, demonstração, questionamento e feedback. Ser bom comunicador é fundamental para que se seja bem-sucedido na profissão docente e tem uma grande influência no processo de ensino-aprendizagem (Rosado & Mesquita, 2011).

Assim sendo, logo na primeira aula tentei desenvolver um ensino eficiente, através de uma comunicação objetiva, clara e contextualizada para as idades dos alunos, de forma, a contribuir para um bom desenvolvimento motor e cognitivo dos mesmos. Prova disso é o excerto abaixo apresentado:

“Senti-me confiante na liderança, na comunicação e na operacionalização da aula, penso que os exercícios propostos foram ajustados e contextualizados em relação ao nível técnico dos alunos. De salientar, a autonomia dada pelo Professor OC, no planeamento e na liderança durante toda a aula.” (Reflexão, aula nº1, 7 de Setembro de 2018, UD andebol).

Como afirmam Mesquita e Graça (2011), a capacidade de comunicar constitui um dos fatores determinantes da eficácia pedagógica no contexto do ensino das atividades físicas e desportivas. Julgo que a minha experiência profissional terá contribuído para esse propósito. Acredito que adquiri determinadas valências e competências ao longo da minha vida

profissional, como o saber estar, o saber fazer, a organização e o rigor, que foram muito importantes para o meu desenvolvimento durante a PES. Penso que a minha experiência como treinador de futebol e natação nos últimos seis anos, transmitiu-me segurança no modo de comunicar, planear, avaliar, agir e ajustar nas mais diversas situações.

No início de cada aula, procurei sempre, ter um breve diálogo com os alunos, de forma a estabelecer uma relação de proximidade e também com o propósito de apresentar os temas e objetivos de cada aula e de cada exercício. Para mim, mais importante do que os alunos saberem fazer determinado gesto técnico de cor e de forma automática, é compreenderem o mesmo, terem satisfação na sua execução e vontade de fazerem sempre melhor. Para Rosado e Mesquita (2011), o questionamento aos alunos é um dos métodos verbais mais utilizados pelos docentes. O questionamento é um dos aspetos positivos do processo de ensino-aprendizagem, por isso, assumiu desde logo, um papel fundamental durante as minhas aulas, tendo sido uma das ferramentas principais na promoção da aprendizagem. Utilizei o questionamento tanto no decorrer da explicação, como durante a realização dos exercícios e na reflexão fina da aula. É fundamental que o professor tenha a consciência do saber dos seus alunos.

As aulas acabavam quase da mesma forma que começavam, com diálogo e uma reflexão conjunta com os alunos sobre os pontos bons e menos bons que tinham decorrido na mesma. Em muito dos exercícios, tive a preocupação de explicar pormenorizadamente e demonstrar, através dos alunos-modelo, isto é, aqueles com um melhor repertório motor em relação à modalidade, como também, através dos alunos que estavam num nível elementar de forma a sentirem-se parte integrante da turma e a valorizar o aluno perante o grupo. Noutros momentos eu mesmo demonstrava aquilo que era pretendido, repartindo o movimento em várias fases se assim o justificasse, a demonstração era então maioritariamente constituída por uma execução lenta e parcial e por fim, à velocidade real. De acordo com Schmidt (1991, p. 72), “o professor deve suplementar as instruções verbais com a demonstração (modelo), vídeo, filme ou fotografia da ação a ser aprendida”.

O feedback pedagógico é considerado como uma das armas mais poderosas do professor no processo de interação pedagógica (Rosado & Mesquita, 2011). Todo o feedback do professor deve surgir no sentido de tornar o processo de ensino o mais aquisitivo possível, respeitando o processo de aprendizagem do aluno. Segundo Aranha (2004), o professor deve, tanto quanto possível, transmitir feedback positivo, procurando motivar os alunos. Ele deve privilegiar o feedback prescritivo e descritivo positivo. Ao longo das aulas e das ações dos alunos, tentei estar sempre muito presente e ativo na comunicação com todos, através de feedback(s) verbal

e não verbal. É fundamental, que os alunos sintam que o feedback é individual e que é dirigido para eles. Como refere Aranha (2004), o feedback possui um carácter informativo e motivador, tentando não só influenciar o desempenho motor, como também na concretização dos objetivos.

### 3.1.3.2 Gestão da aula

Como refere Aranha (2004), a dimensão de uma gestão eficaz da aula preconiza um envolvimento dos alunos com a matéria de ensino, tais como gestão das situações de aprendizagem, de organização, de transição e do comportamento dos alunos.

As excelentes instalações do Colégio, permitiram ter sempre meio pavilhão disponível para lecionar as aulas, independentemente das condições meteorológicas. Em algumas situações, o pavilhão esteve disponível na sua totalidade. O campo exterior esteve disponível durante todo o ano, não foi alocada nenhuma aula a esse espaço.

Tive como prioridade otimizar o tempo de prática e aprendizagem dos alunos, não tanto com vista à quantidade, mas antes à qualidade da participação em situações ricas e autênticas. Para tal, nas primeiras aulas defini dinâmicas e rotinas que rentabilizassem ao máximo o tempo de aula, como podemos aferir na seguinte transcrição:

“A gestão do espaço e da turma foi realizada de forma dinâmica para que não houvesse paragens nem perdas de tempo. O espaço atribuído para o desenvolvimento dos exercícios foi bem definido, o que por conseguinte, permitiu um bom controlo sobre a turma” (Reflexão, aula nº 40, 23 de Fevereiro de 2018, UD voleibol)

Preocupei-me em adotar estratégias que fossem eficazes na transição entre os exercícios, planeei exercícios que permitissem um encadeamento lógico da matéria de ensino, assim como do material necessário para a realização da aula. Os alunos que não realizavam a aula por dispensa, colaboravam nas tarefas da mesma, na arrumação do material, na transição e montagem de espaços e ainda na arbitragem dos jogos.

### 3.1.3.3 Disciplina

A dimensão “disciplina” refere-se aos comportamentos relacionados com a promoção de ações apropriadas e adequadas na aula. Como Aranha (2004) refere, esta dimensão abrange os

comportamentos e técnicas de ensino que fazem parte do repertório do professor para modificar e promover comportamentos apropriados.

Neste contexto, o professor deve intervir imediatamente após a manifestação de um comportamento inapropriado ou injustificado que interfira e prejudique o normal e o bom desempenho da aula, ou que ponha em causa a segurança dos alunos.

Sempre que o descrito aconteceu, tive uma conversa séria e frontal com os alunos em causa, fazendo-lhes ver que aquelas ações e comportamentos não eram adequadas para o momento. Na minha forma de liderar, não costumo recorrer ao castigo, e, no contexto do Colégio, os alunos, regra geral, não são problemáticos: com uma chamada de atenção percebem quando não estão a agir corretamente. Sempre que se justificava, valorizava as boas ações do comportamento da turma.

#### 3.1.3.4 Clima

No que diz respeito ao clima de aula, esta dimensão refere-se ao comportamento do professor, dos estudantes e da comunidade escolar. O relacionamento humano e as interações pessoais com os alunos, tentam promover um clima de aula positivo e agradável. Um melhor ambiente de aprendizagem envolve um sistema de relações entre o professor e o aluno, as relações entre os estudantes e o ambiente social da organização (Rosado & Ferreira, 2011).

Procurei que os alunos, dentro da aula, tivessem momentos para libertarem as suas emoções e se sentissem com liberdade de agir, sem agir livremente. Tentei que os alunos interiorizassem, que dentro da aula há tempo para brincar, mas também o há para aprender e, reconhecendo estes momentos, o clima de aula é positivo e propício para um bom desenvolvimento e aprendizagem. A transcrição seguinte é exemplo deste meu entendimento:

“Senti que todos os alunos estiveram empenhados e colaboraram nas tarefas propostas. Vou tentar que esta alegria e entusiasmo se prolonguem para as próximas aulas.” (Reflexão, aula nº 21, 23 de Novembro de 2018, UD basquetebol)

Contudo, para manter esta relação harmoniosa com os alunos e ter um ambiente agradável de aula, é fundamental ter sensibilidade e saber gerir o grupo da melhor forma, caso contrário podemos perder o controlo da turma. Nesta medida, preocupei-me em tentar conhecer o contexto familiar em que cada aluno está inserido, embora não seja fácil, creio que poderá influenciar determinadas atitudes e comportamentos na aula. De acordo com Bento (2003), o

professor deverá conhecer o melhor possível as situações concretas da vida dos seus alunos, devendo-se preocupar com a esfera direta e dos interesses dos mesmos.

Tive a felicidade de ter alunos sempre muito respeitadores e as aulas decorreram num clima positivo e com um bom espírito de aprendizagem.

### 3.1.4 Avaliação

*“A avaliação pode ser entendida como a tarefa de recolher, analisar e interpretar diversos elementos reunidos ao longo do tempo, acerca de um produto ou sistema de ensino, no sentido de verificarmos em que medida foram alcançados os objetivos de ensino.”*

(Rosado, Dias & Silva, 2002, p.71)

Através do processo de avaliação é possível verificar o desenvolvimento dos alunos ao longo do ano letivo. A avaliação permite encontrar determinados erros ou falhas que, devidamente analisados, podem ser resolvidos, melhorando, assim, o processo de ensino-aprendizagem. Bento (2003), corrobora este entendimento ao afirmar que a planificação e a realização, juntamente com a análise e a avaliação do ensino, são consideradas tarefas primordiais do professor. Deste modo, a avaliação é uma mais-valia para o professor, na medida em que o ajuda a tomar decisões mais acertadas e coerentes. À avaliação é atribuída, ainda, a função de classificar os alunos. Com efeito, Metzler (2000) entende que a avaliação é uma das principais dimensões do ensino, permitindo classificar a aprendizagem do aluno em relação aos objetivos estabelecidos.

A importância da avaliação é, nesta medida, inegável. Contudo, para ser realizada eficazmente é fundamental definir muito bem quais os domínios e os critérios de avaliação.

Segundo Gonçalves, Albuquerque e Aranha (2010), os domínios que, normalmente, são avaliados na disciplina de EF relacionam-se com a componente motora, a sócio afetiva e a cognitiva. Existem três modalidades de avaliação, no que diz respeito à condução de uma determinada unidade de ensino, sendo elas a diagnóstica, a formativa e a sumativa (Gonçalves et al., 2010).

A avaliação diagnóstica decorreu no início de cada UD e foi realizada com o objetivo de verificar os conhecimentos e as competências iniciais dos alunos. Com base nesta avaliação, tentei ajustar o processo de ensino-aprendizagem ao nível dos estudantes. Como corrobora Gonçalves et al. (2010), a avaliação diagnóstica permite a recolha de informação dos alunos,

para que seja possível planejar e definir objetivos para cada matéria de ensino, de forma a potencializar o desenvolvimento dos mesmos. Assim, neste momento de avaliação, optei por uma observação criterial. Nesta escolha, tive em consideração o facto da observação criterial ser feita em função do desempenho de cada um dos alunos, não havendo comparação por referência à norma de rendimento da turma, tendo antes em conta os critérios de êxito previamente por mim estabelecidos. Como refere Gonçalves et al. (2010), esta avaliação consiste em analisar o comportamento do aluno segundo critérios previamente selecionados, tendo em conta os objetivos propostos.

No que diz respeito à avaliação formativa, esta não foi realizada, visto que no decorrer da PES foram concretizadas reflexões sobre a ação (Schön, 1997, 2000) diárias, escritas e orais do que aconteceu em cada aula, que reverteu para uma avaliação contínua. Nestas reflexões tive em consideração a aprendizagem e comportamento dos alunos, as dimensões de intervenção pedagógica, assim como, a minha própria atuação.

No que concerne à avaliação sumativa, esta foi realizada no final de cada UD, permitindo-me avaliar o desenvolvimento dos alunos, as suas competências, os conhecimentos adquiridos, assim como as suas atitudes. De acordo com as diretrizes do Grupo de EF do CNM, na avaliação do domínio cognitivo e motor é atribuída uma percentagem de 60%, e no domínio sócio afetivo uma percentagem de 40%. Os momentos de avaliação foram muito exigentes, na medida em que senti alguma dificuldade em transformar os parâmetros avaliados numa nota quantitativa. O facto de as turmas serem numerosas, também me criou alguma dificuldade no momento da avaliação. É um grande desafio observar, diversos parâmetros avaliativos em vinte e oito alunos numa aula de apenas setenta e cinco minutos.

O instrumento utilizado nas avaliações diagnóstica e final, foi uma grelha de observação composta por conteúdos técnicos e táticos e respetivos critérios a avaliar. A escala de apreciação utilizada foi de 1 (não executa) a 5 (executa sempre). No momento de avaliação, estava acompanhado pelos meus colegas, mas optei por não ter a sua colaboração. Acreditava que vivenciando esta experiência sozinho, estaria melhor preparado para o futuro.

De acordo com Gonçalves et al. (2010), os professores têm o direito e a responsabilidade de avaliar os seus alunos. O mesmo autor refere, ainda, que tem de haver por parte dos alunos uma compreensão e reflexão sobre as suas ações e aprendizagens ao longo do ano letivo. Assim sendo, considero que a autoavaliação foi fundamental para que cada aluno fomentasse um espírito crítico, não só em relação a si, mas também em relação ao grupo. Para Gonçalves et al. (2010, p.126), “o aluno moderno tem de ser capaz de aquilatar o seu valor, de dizer o que vale,

o que merece”. Sendo assim, os alunos realizaram a sua autoavaliação na última aula de cada período, através do preenchimento de uma ficha, onde estavam presentes os domínios a avaliar: domínio cognitivo/motor e sócio afetivo. Esta ficha foi entregue e guardada por mim. Os alunos preencheram a mesma ficha ao longo dos três períodos, e assim, puderam refletir sobre a sua autoavaliação e o seu desempenho ao longo do ano.

O OC deu-me total autonomia para atribuir as classificações e apresentá-las no conselho de turma. Todas as classificações propostas foram validadas em conselho de turma.

### 3.1.5 Construir e (re)construir o conhecimento: Impactos da minha experiência e atuação

*“Ensinar não é apenas transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua produção ou sua construção.”*

(Freire, 1996, p. 28)

Como afirma Freire (1996), é fundamental proporcionarmos aos alunos contextos e condições para que cada aluno possa fazer a sua própria construção. Para alcançarmos este objetivo, é muito importante que o professor tenha capacidade de transmitir conhecimentos para um melhor processo de ensino-aprendizagem.

Na perspetiva de Cunha (2008, p. 74) “o educador profissional (professor) defronta-se, na sua prática pedagógica, com situações complexas, instáveis e únicas, que se definem, entre outros aspetos, pela especificidade dos locais, dos agentes interventivos e das culturas. Esta diversidade e complexidade exige do professor um conhecimento científico, técnico, rigoroso, profundo e uma capacidade de questionamento, de análise, de reflexão e de resolução de problemas, impondo-se, necessariamente, um novo conceito de professor – o professor reflexivo”.

A PES proporcionou-me a possibilidade de mobilizar para a prática os conhecimentos adquiridos ao longo da minha formação académica anterior, profissional e, simultaneamente, adquirir novos conhecimentos, por intermédio de um processo transformativo. Deste modo, ao mesmo tempo que eu tentei transmitir aos alunos o meu conhecimento teórico e prático sobre cada modalidade, fui também crescendo como professor, não só pelos conhecimentos que o OC e SV me transmitiam, mas também pelo feedback dos alunos. Sei que a minha aprendizagem não fica por aqui, com cada colega, com cada turma e com cada aluno que me cruzar certamente que irei aprender mais.

Segundo Nóvoa (2009), é na escola e no diálogo com os outros professores que se aprende a profissão. Durante a nossa formação adquirimos conhecimentos, conhecimentos esses, que são úteis para a nossa prática, mas a verdade é que a PES é o palco principal da nossa formação, uma vez que é nesta fase que aliamos a teoria aprendida ao longo dos anos, com a prática. Nesta medida, a PES permite ao EE o confronto com os problemas reais de uma instituição escolar no seu todo. Assim, através da PES vivenciei uma experiência única, rica em aprendizagens que permitiram o meu desenvolvimento enquanto professor.

É crucial que o EE tenha autonomia e liberdade, por parte do OC, de experimentar e de errar. Embora fique triste quando erro, tenho noção que é também com os erros que cresço enquanto professor e pessoa. De acordo com Rolim, Batista e Queirós (2015), a PES é um espaço por excelência para a experimentação, reflexão e aquisição de novos conhecimentos que potenciam o desenvolvimento do EE.

A observação e a reflexão sobre ação em conjunto, de todas as aulas por parte dos meus colegas estagiários e do OC, e a presente reflexão sobre a reflexão na ação – i.e., o Relatório, foram fundamentais para o meu crescimento (Schön, 1997, 2000). Como corrobora Nóvoa (2009), é primordial saber trabalhar em equipa e ser-se reflexivo, para se ser um bom professor, um professor completo e qualificado.

## **3.2 Participação na escola e Relação com a comunidade**

Segundo Batista e Queirós (2013), a participação na escola e a relação com a comunidade educativa, engloba atividades não letivas, e tem como grande objetivo a integração do EE na comunidade educativa. Como acrescenta ainda Batista (2012), o professor não atua apenas com os alunos, as suas responsabilidades passam para lá da sua área disciplinar e do espaço da sala de aula.

Tal como referi no capítulo I, a minha integração na escola cooperante iniciou-se no ano de 2015, quando aceitei a proposta de coordenação da escola de futebol Dragon Force em parceria com o CNM. Desde então, tive a felicidade de trabalhar com a comunidade educativa no seu todo. Como resultado disso, no último período letivo trabalhei com vários alunos da turma do 6º ano que já tinham estado sobre a minha orientação no processo de treino do Dragon Force. Esta situação facilitou o meu relacionamento não só com os alunos, como com alguns Encarregados de Educação. Ao longo destes anos tive também uma relação direta com os auxiliares de ação educativa que estavam destacados para a atividade do futebol, o que facilitou a minha integração, assim como a relação com toda a comunidade.

Ao longo do ano letivo, participei de uma forma ativa na relação da comunidade escolar, adquiri competências que me permitiram crescer, quer a nível profissional como pessoal.

### **3.2.1 Atividades Realizadas**

Uma participação ativa nas atividades realizadas fora do contexto de sala de aula é fundamental para o desenvolvimento das competências do professor e também promove o estabelecimento de relações interpessoais muito importantes ao desenvolvimento profissional do EE.

Importa, nesta medida, contar como foi a minha experiência nas atividades realizadas durante o ano letivo.

#### **3.2.1.1 Atividades do grupo de EF**

No dia 18 de Outubro de 2017, decorreu no campo municipal do Milheirós, o corta mato escolar. A organização da prova ficou a cargo do departamento de EF. Tive como responsabilidades colaborar na montagem do percurso, acompanhar os alunos no trajeto

colégio/campo e campo/colégio, entregar os prémios e ainda distribuir o lanche no final de cada prova. Esta atividade contou com a presença dos alunos do 1º, 2º e 3º ciclo. Estiveram presentes cerca de 450 alunos de diferentes escalões. Os três primeiros classificados de cada escalão, ficaram qualificados para representar o Colégio, na prova regional do corta mato que foi realizada no Parque da Cidade, na Cidade do Porto.

No dia 22 de Março de 2018, decorreram no campo municipal do Milheirós, as jornadas desportivas de futebol e voleibol. A organização da prova ficou a cargo do departamento de EF. Tive como responsabilidades a montagem e gestão dos espaços de jogo e a arbitragem e preenchimento do quadro de resultados. Estiveram presentes neste evento cerca de 200 alunos do 1º, 2º e 3º ciclo.

No dia 18 de Abril de 2018, decorreram no campo municipal do Milheirós, as jornadas desportivas de futebol para o ensino secundário. A organização da prova ficou a cargo do departamento de EF. Tive como responsabilidades a montagem do campo e a arbitragem dos jogos. Estiveram presentes 30 alunos no evento.

### 3.2.1.2 Atividades em parecia com outras áreas disciplinares

No dia 16 de Dezembro de 2017, realizou-se em Santa Maria da Feira, no Euro Parque, a festa de Natal. Não estive envolvido na organização deste evento. De realçar, que os alunos da turma do 12º ano que participaram na festa ensaiaram e prepararam a coreografia na aula de EF. No dia, assisti à apresentação do espetáculo nos bastidores, com os professores e auxiliares envolvidos na festa. Esta atividade contou com a presença dos alunos do pré-escolar, 1º, 2º, 3º ciclo e secundário. Nesta festa participaram cerca de 1000 alunos.

Nos dias 31 de Janeiro e 1 de Fevereiro de 2018, realizou-se o Festival de Cinema no anfiteatro do Colégio. Tive como principal tarefa gerir e organizar a entrada dos alunos em palco, como também assegurar o bom comportamento dos alunos nos bastidores. Participaram neste evento cerca de 60 alunos do 2º, 3º ciclo e secundário.

### 3.2.1.3 Atividades dinamizadas pelo grupo de PES

No dia 21 de Março de 2018, realizou-se no aeródromo de Vilar de Luz, uma atividade de plantação de árvores em parecia com o FC Porto e a Quercus. Como responsável da escola Dragon Force do CNM, mediei toda organização do evento juntamente com o OC. Neste

evento, estiveram presentes cerca de 50 alunos do Colégio, que frequentaram a atividade futebol e 10 alunos do programa eco-escolas. O Porto Canal fez a cobertura desta ação e também estiveram envolvidos nesta atividade os capitães das equipas profissionais de Hóquei em Patins e Basquetebol do FC Porto.

No dia 10 de Abril de 2018, realizou-se a VIII edição da Feira das Profissões. Nesta atividade apresentamos o tema “Ser profissional de Educação Física”. Falamos sobre o que tem sido a nossa experiência enquanto profissionais em formação da área e debatemos com os alunos várias questões importantes sobre a importância do desporto e da EF. Estiveram presentes 50 alunos na apresentação.

#### 3.2.1.4 Seminário

O seminário realizou-se no dia 4 de Junho de 2018, com o tema “A identidade profissional de um bom professor de educação física percebida pela comunidade educativa do Colégio Novo da Maia”. Nesta apresentação estiveram presentes duas turmas do 10º ano, assim como a SV e ainda um professor de EF do CNM. Tivemos a oportunidade de apresentar publicamente o projeto de intervenção que foi desenvolvido no decorrer do ano letivo. Este projeto, permitiu-me conhecer as características principais do professor de EF no CNM, assim como o seu perfil identitário. Para a realização deste trabalho tivemos oportunidade de entrevistar a diretora do colégio, docentes e alunos. A partilha de conhecimentos com todos foi importante, realço o saber e a experiência transmitidos pela diretora.

Fiquei contente por ter tido a oportunidade de participar nestas atividades e vivenciado novas experiências. Senti que adquiri novas competências, designadamente, no âmbito da dinamização e gestão de atividades, da liderança de grupos e, ainda, da aprendizagem de competências de pesquisa e reflexão com vista a uma prática reflexiva do professor em formação (Dewey, 1999; Zeichner, 1993). Ainda no quadro das atividades da área de desempenho “participação e relação com a comunidade”, foi muito positivo ter tido a possibilidade de trabalhar com professores de outras áreas disciplinares e também com alunos que não pertenciam às minhas turmas.

### 3.2.2 Socialização profissional e institucional

Um bom relacionamento com o conselho de administração e corpo docente é fulcral para o sucesso de uma boa colaboração. Desde muito cedo, a minha missão no Colégio foi potenciada pela abertura e disponibilidade com que fui recebido e pela confiança depositada em mim.

Durante esta caminhada, foi-me dada liberdade para ir assumindo mais responsabilidades e autonomia, fruto das inúmeras metas que em conjunto foram delineadas e cujos objetivos foram sempre alcançados.

A relação com a instituição é desenvolvida a diferentes níveis. Em primeiro lugar, o meu entendimento relativamente ao CNM como instituição, ajudou em muito os valores defendidos serem similares aos meus. Numa segunda dimensão, ajudou-me a encontrar e estabelecer fortes parcerias com o corpo docente, que me passou sempre experiência e proximidade.

Neste enquadramento, enalteço a relação com o OC, pela forma como nos recebeu e nos integrou no corpo docente da escola cooperante e, também, por todos os saberes transmitidos e toda a partilha profissional. Foi o OC que nos introduziu, no meu caso consolidou, ao repertório socio-cultural da escola cooperante (as suas regras, discursos e práticas) e que nos auxiliou a desenvolver um conhecimento e habilidades técnicas e sociais situadas ao CNM (Amaral da Cunha, 2014; Lave & Wenger, 1991). Sem dúvida, que o sucesso alcançado neste estágio em muito se deve a ele. Além de todo o conhecimento teórico e prático, que me transmitiu, importa salientar toda a sua organização, rigor e dedicação.

Relativamente aos colegas de estágio, tive a felicidade de criar uma boa relação profissional, houve empatia desde o início, o que facilitou toda a dinâmica de trabalho. Ao longo do ano, tivemos vários momentos de partilha e reflexão contribuindo para o meu crescimento profissional e também pessoal. Um dos colegas já tinha trabalhado comigo anteriormente num projeto desportivo.

Não menos importante para o bom funcionamento da minha atividade, foi todo o apoio e disponibilidade prestado pela equipa de assistentes operacionais. Em momento algum, a minha missão dentro e fora de aula foi perturbada ou diminuída, por aspetos logísticos. É de salientar o cuidado patente em todos os espaços quer seja de aula ou de recreio, onde sempre encontrei organização e limpeza. Este facto é vital para um bom desempenho da atividade, como também é importante, para fortalecer um ambiente agradável por toda a comunidade escolar.

À semelhança da mensagem transmitida pelo lema do Colégio, “Qualidade no sucesso, que permita por todas as nossas potencialidades, a construção de um mundo melhor”, o sucesso da relação institucional estabelecida pode ser medida pelo impacto criado que potencia um futuro

mais rico a ambas as partes. A reflexão sobre este tema, para a elaboração deste relatório, fez-me ter ainda mais presente a importância de ter valores base sólidos e bem definidos que são fundamentais para o crescimento pessoal e profissional. Não tenho dúvida que o balanço da minha passagem pelo CNM foi extremamente positivo a todos os níveis. Considero, por isso, que todos os sucessos que fui acumulando nas diferentes dimensões que abordei anteriormente, potenciarão positivamente todos os meus projetos futuros.

### 3.2.3 Fazer aprender para lá da aula: Impactos da minha experiência e atuação

A escola tem um papel preponderante no desenvolvimento e na educação dos jovens. Grande parte das crianças passa mais tempo na escola do que em casa, e por isso, o professor deve ter um papel pedagogo e ativo no seu desenvolvimento. O papel do professor não se deve cingir apenas à transmissão de conhecimentos, mas sim, aos valores, às atitudes e às crenças sempre com o intuito da construção de um mundo melhor. Segundo Nóvoa (2009, p.52) “a escola deve instruir e educar, alargando a sua influência à totalidade do ser em formação.”

No seguimento da afirmação de Nóvoa, é preciso refletir sobre a importância da escola e do papel da EF na formação dos alunos. Esta deve ser encarada como uma disciplina indispensável para o desenvolvimento do aluno enquanto pessoa. Nas aulas, através da atividade física, os alunos têm a possibilidade de aprender e desenvolver valores. Estas são fulcrais para o desenvolvimento emocional, para fomentar as relações interpessoais, para o desenvolvimento físico e para um estilo de vida saudável. A EF é uma pedra basilar na formação do aluno, é a disciplina onde estes mantêm um relacionamento mais próximo, têm momentos colaborativos e cooperativos, criam laços e fomentam o espírito de equipa, aprendem a controlar e a gerir as emoções, aprendem a lidar com as frustrações. Neste espaço de aula, os alunos aprendem a respeitar os colegas, a cumprir regras, a interagir com os outros, a saber ganhar, a saber perder, a superar dificuldades e muitos outros valores sociais, essenciais à sua formação pessoal e social. Rosado (2011), refere que as relações interpessoais devem ser a base da aprendizagem, devendo estar presentes os valores sociais e a interação entre pares.

Ao longo do ano letivo, procurei em todos os momentos, tanto na aula como fora desta, transmitir valores, que julgo essências para a formação das nossas crianças. O papel do professor não se esgota no final de cada aula, importa que o professor tenha a preocupação de inculcar nos alunos valores e atitudes que possam transportar para a sua vida, no sentido de se tornarem melhores cidadãos. Acrescento ainda que, o trabalho desenvolvido fora da sala de

aula também contribui em muito para o meu crescimento enquanto professor. A minha atuação foi muito para além da sala de aula, desde as reuniões de conselho de turma e avaliação, à participação em atividades com o grupo de EF e outras áreas disciplinares e não esquecendo toda a preparação dos recursos materiais de forma antecipar o bom funcionamento da aula.

No final deste ano letivo, grande parte das minhas expetativas foram de encontro à realidade encontrada na escola. Na verdade, sinto que os professores, os alunos, os encarregados de educação e também os assistentes operacionais com quem privei, contribuíram diretamente para o meu desenvolvimento enquanto professor.

### **3.3 Desenvolvimento profissional**

Esta dimensão diz respeito fundamentalmente às minhas vivências e experiências para a construção e desenvolvimento das competências profissionais. Assim sendo, neste capítulo, procuro refletir sobre as dificuldades sentidas e dos ajustamentos feitos ao longo do ano letivo, a necessidade da formação contínua, recorrendo à necessidade do professor ser um agente reflexivo.

A PES assumiu um papel preponderante no desenvolvimento das minhas competências a nível profissional, pedagógico e científico.

No seguimento da corrente defendida, desde há muitos anos, quando finalizada a formação académica, a formação do professor está longe de estar terminada, uma vez que os conhecimentos que adquiriu ao longo desse percurso são basilares, mas não o suficientes para o exercício das suas funções ao longo da carreira.

O desenvolvimento profissional é um processo bastante complexo. O professor não se deve fechar, o diálogo e a reflexão com os colegas são importantes para que possa melhorar as suas competências relativamente ao processo de ensino-aprendizagem.

Ao longo do ano, penso ter adquirido novas competências com base nos conselhos provenientes da SV do OC e dos colegas estagiários.

#### **3.3.1 Dificuldades e necessidade de formação**

Foram algumas as dificuldades sentidas ao longo do ano letivo. Desde logo, ter como responsabilidade todo o planeamento e organização da aula.

Um dos maiores obstáculos que tive de ultrapassar foi com a turma do 6º ano, composta por 28 alunos. Dada a sua tenra idade e o facto de às terças-feiras só ter meio pavilhão disponível, sentia uma menor produtividade da aula, quando comparada com a de quinta-feira, onde tinha todo o pavilhão disponível. Refleti e procurei arranjar estratégias para superar este problema. A título de exemplo, reorganizei e ajustei o meu planeamento inicial para a UD de futsal, nomeadamente os exercícios propostos para a aula de terça-feira. Neste dia optei por fazer exercícios de relações micro e focar-me nos aspetos mais direccionados para o lado individual de cada aluno, com o objetivo de aumentar o tempo de contacto com a bola de cada um, em detrimento de exercícios de grandes relações.

Relativamente às minhas competências teóricas e práticas, senti que tinha lacunas em algumas modalidades, exemplo disso foram as modalidades de ginástica e hóquei em campo, nas quais não detinha um conhecimento específico. Neste sentido procurei colmatar as minhas falhas, através do diálogo com professores mais experientes, e também voltando a estudar muito do material adquirido ao longo da formação académica anterior, com o objetivo de dominar plenamente os conteúdos, de forma a ter uma transmissão, correção e avaliação mais eficaz e, assim, melhorar o processo de ensino-aprendizagem. De salientar, a facilidade que a era digital nos trouxe na partilha de conhecimento.

Com base nestas dificuldades, tenho presente a necessidade de apostar em formação extracurricular que me permita ultrapassar estas lacunas. É fundamental que o professor esteja sempre em busca de saberes e conhecimento.

### 3.3.2 Formação contínua: Um imperativo da profissão

No paradigma atual, a sociedade mudou, a tecnologia teve uma grande transformação, os espaços verdes diminuíram, as brincadeiras foram banidas da rua, as crianças passaram a ter menos autonomia e a serem mais controladas pelos pais, o que nos leva a uma reflexão. E os estudantes? Não mudaram? Como questiona António Câmara (2010,p.92), “Que estudantes é que nós encontramos hoje nas escolas? São estudantes baseados na Web. E, portanto, têm um quadro de referências completamente diferente dos estudantes de há vinte anos. Usam português sintético porque se habituaram a usar SMS, ao contrário da verbosidade clássica em Portugal. Jogam vídeo jogos.” Por estes motivos, o docente deve estar preparado para a mudança, deve procurar estar a par das tendências da sociedade, tanto a nível do conhecimento teórico e prático como do conhecimento dos alunos. O professor deve estar pronto para apresentar exercícios aos alunos que sejam cativantes e estimulantes para o seu desenvolvimento. O professor deve “sair da caixa” de forma a acompanhar a evolução da sociedade e tornar o processo de ensino atualizado e contextualizado com os alunos dos dias de hoje. O professor deve procurar ao longo do seu percurso profissional, estar em constante formação, procurar novas metodologias, novas propostas de exercícios, aproveitar o que a tecnológica nos trouxe de bom e implementar nas aulas. É crucial, que os docentes procurem adquirir conhecimento, que estejam presentes em momentos de formação, reflexão e diálogo com os colegas como acontece em congressos, palestras e formações. Na área de EF, existem diferentes modalidades, devemos por isso procurar solidificar o nosso conhecimento não só nas

áreas que mais nos fascinam, mas também naquelas que temos menos conhecimento e habilidades técnicas.

Quando terminamos o ciclo de estudos conducente ao grau de mestre, não termina a nossa formação, devemos ter presente a necessidade de continuar a estudar e a atualizar conhecimentos.



## **IV. Reflexões finais**

### **4.1 Experiência pessoal e profissional**

Este ano que passou, foi para mim, um ano muito rico, não só pela experiência profissional, mas também pela experiência pessoal. Permitiu-me ter ainda mais vincada e presente a grande responsabilidade e missão que o professor tem em “mãos”.

Da minha vivência até então, tive um ano com muitos desafios. Senti que detinha uma bagagem teórica muito sólida, que serviu de suporte para as minhas ações, mas o conhecimento prático apenas o iria conseguir com a própria confrontação com a realidade prática. Deste modo, os planeamentos iniciais e as primeiras aulas, assumiram-se como um desafio à minha capacidade adaptativa, salvaguardando-me sempre na experiência que tinha adquirido no treino até então. A liberdade e autonomia que foi dada para todo o desempenho do processo de ensino-aprendizagem, permitiu que fosse uma das experiências mais enriquecedoras e gratificantes de todo o ano.

A PES proporcionou-me muitos momentos aquisitivos, de aprendizagem e de reconstrução do pensamento, onde todos os dias aprendi com cada agente educativo, professores, colegas de núcleo, assistentes operacionais, pessoal não docente e fundamentalmente com os meus alunos. Na verdade, cada aluno representa um desafio diferente, quase como uma aprendizagem individualizada. Os desafios, os problemas e a resolução dos mesmos, foram o mote principal para a aprendizagem e mudança do meu “eu” profissional.

No final faço um balanço muito positivo, de uma experiência única que em muito contribuiu para o meu crescimento pessoal e profissional, mas com a plena consciência de que o saber não se esgota aqui, e que é o início de uma nova etapa e não um fim.

### **4.2 Componente ético-profissional**

Durante todo o ano letivo, orientei as minhas atitudes pelos princípios associados à ética ao profissionalismo e aos valores da instituição que nos recebeu.

Cumpri rigorosamente os horários de todas as tarefas pelas quais fui responsável, desde o desenvolvimento da prática docente, como as reuniões com o núcleo de estágio e OC, reuniões de departamento, intercalares e de conselho de turma nas quais estive sempre presente e fui pontual. Em relação à assiduidade, no que à prática docente concerne, cumpro na íntegra aquilo

que me foi exigido, não faltando a nenhuma aula durante todo o ano e estando sempre presente a tempo e a horas em todas as sessões que lecionei, inclusive, cheguei quase sempre 10 minutos antes da aula começar de forma a preparar os recursos materiais e espaciais que iria necessitar para preparar a aula atempadamente.

No que concerne ao relacionamento com os alunos, professores, assistentes operacionais e agentes educativos primei sempre pela cordialidade, respeito e simpatia para com todos eles, o que me levou a criar laços de proximidade com muitas pessoas dentro do Colégio.

O balanço final deste capítulo é sem dúvida bastante positivo.

### **4.3 Realidade do contexto escolar: Impacto da PES**

Dos dezassete anos de escolaridade, o último foi sem dúvida o que mais me marcou e motivou. Durante a minha vida escolar muitas vezes não soube ouvir e compreender os meus pais, perceber os valores que me queriam transmitir e inculcar. Ao fazer o mestrado numa fase mais madura, percebi exatamente a mensagem que me queriam passar, isto é, que tentasse não me conformar e procurar sempre melhorar e lutar por objetivos e evoluir. Procurei manter presente este ensinamento durante a PES. Sei que as pessoas com quem privei e a escola onde tive a oportunidade de fazer o estágio, tiveram muita influência na minha aprendizagem e na perspetiva que tenho sobre o ensino. O ambiente saudável que se vive no colégio e espírito inovador e de ajuda, marcaram positivamente a PES. É extremamente motivador lecionarmos numa escola em que há simpatia e cooperação entre toda a comunidade, além das excelentes instalações.

Foi sem dúvida um privilégio ter o professor Luís Sousa como OC. Nos momentos de incerteza fez-me sentir seguro. Ao longo do ano, deu-me autonomia e liberdade para gerir as minhas aulas e todo o processo de ensino. É um dos grandes responsáveis pela minha evolução.

Gostava ainda de salientar, a dedicação e o empenho da SV nesta etapa, considero que o sucesso que obtive neste estágio, em muito se deve à sua orientação.

Senti que a PES foi vista de forma positiva por toda a comunidade escolar. O grupo de EE esteve extremamente motivado e com uma enorme vontade de transmitir aos seus alunos o conhecimento adquirido ao longo dos últimos anos. Tentei deixar uma marca positiva nos meus alunos e não ser apenas mais um professor dos muitos que tiveram, espero que me recordem como um amigo e um aliado no desporto. Tentei provoca-los, no sentido de os desafiar para a prática saudável do exercício físico e bem-estar emocional, transmitindo-lhes sensações positivas, alicerçadas ao desporto e à prática da atividade física. Acredito que consegui motivar

os alunos não só na sala de aula, mas também para a prática do exercício físico fora da mesma. Procurei criar ligações, ser uma referência comportamental, um amigo. No meu ponto de vista, ser professor, ser exigente e ser amigo, nunca se podem dissociar. Um líder não tem de ser severo nem tão pouco autoritário. Como afirma Shulman (1996), ser professor implica ter conhecimentos, tanto ao nível da compreensão do que ensina como da forma de o transmitir. Criei laços de afetividade com os alunos e da mesma forma que não esquecerei a minha professora primária, guardarei com carinho as primeiras turmas em que lecionei.

Sem dúvida que a PES é uma grande preparação para a nossa vida profissional, após este ano letivo estou muito mais preparado para ensinar e sinto-me muito mais seguro e capaz. Tentarei manter presente os bons hábitos adquiridos e todos os ensinamentos transmitidos pelos OC e SV. Saliento as reflexões, os momentos de partilha e planificações da aula, como as grandes aprendizagens desta etapa. O facto de ter dado os primeiros passos em segurança e confiança, como docente, certamente que facilitarão o meu percurso profissional. Termino este estágio a sonhar ainda mais alto, as expectativas para o futuro são elevadas, tendo a certeza que a minha identidade profissional se continuará a moldar. Ambiciono poder exercer a minha profissão. O maior desafio que sinto enquanto professor e também o que me traz mais satisfação, é a capacidade de transformar e ajudar os alunos, acompanhar a sua evolução e chegar ao final do ano letivo sabendo que fui um dos responsáveis pelo seu crescimento.



## Referências bibliográficas

Alarcão, I. (1996). Ser Professor Reflexivo In I. Alarcão (Ed.), *Formação Reflexiva de Professores: Estratégias de Supervisão* (pp. 171-189). Porto: Porto Editora.

Alarcão, I. (2007). *Professores Reflexivos em uma Escola Reflexiva*. São Paulo: Cortez Editora.

Amaral da Cunha, M., Batista, P., & Graça, A. (2014). Um olhar sobre o estágio em Educação Física: Representações de estagiários do ensino superior público português. In P. Batista, A. Graça & P. Queirós (Eds.), *O estágio profissional na (re)construção da identidade profissional em Educação Física* (pp. 143-180). Porto: Editora FADEUP.

Andrade, A. (2005). O estágio Supervisionado e a Práxis Docente. *Estágio curricular*.

Aranha, Á. (2004). *Organização, Planeamento e Avaliação em Educação Física*. Vila Real: Série Didáctica, n.º 47, UTAD.

Batista, P. (2012). A (re)configuração da identidade profissional no espaço formativo do estágio profissional. In J. V. d. Nascimento & G. O. Farias (Eds.), *Construção da identidade profissional em Educação Física: Da formação à intervenção* (pp. 81-111). Florianópolis: Ed. da UDESC - Universidade do Estado de Santa Catarina.

Batista, P., & Queirós, P. (2013). O estágio profissional enquanto espaço de formação profissional. In P. Batista, P. Queirós & R. Rolim (Eds.), *Olhares sobre o estágio profissional em Educação Física* (pp. 33-52). Porto: Editora FADEUP.

Bento, J. O. (2003). *Planeamento e Avaliação em Educação Física*(3ªed.) Lisboa: Livros Horizonte.

Bossle, F. (2002). Planejamento de ensino na Educação Física – uma contribuição ao coletivo docente. *Revista Movimento*, Porto Alegre

Câmara, A. (2010). *Coloquio e conferências parlamentares*. Lisboa: Assembleia da República.

Cunha, A. C. (2008). *Ser professor bases de uma sistematização teórica*. Braga: Casa do professor.

Dewey, J. (1989). *Cómo pensamos. Nueva exposición de la relación entre pensamiento reflexivo y proceso educativo*. Barcelona: Ediciones Paidós.

Formosinho, J. (2001). *A Formação dos Professores: da prática docente na instituição à prática pedagógica nas escolas*. Porto: Porto Editora.

Freire, P. (1996), *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra

Gonçalves, F., Albuquerque, A., & Aranha, Á. (2010). *Avaliação: um caminho para o sucesso no processo de ensino e aprendizagem*. Maia: Edições ISMAI - Centro de Publicações do Instituto Superior da Maia.

Graça, A. (1999). Conhecimento do Professor de Educação Física. In *Contextos da Pedagogia do Desporto - Perspetivas e Problemáticas* (pp. 204-206). Lisboa: Livros Horizonte.

Joerger, R. M., & Bremer, C. D. (2001). Teacher Induction Programs: A Strategy for Improving the Professional Experience of Beginning Career and Technical Education Teachers.

Lave, J., & Wenger, E. (1991). *Situated learning: Legitimate peripheral participation* (18th ed.). New York: Cambridge University Press.

Mahoney, J. L., Schweder, A. E., & Stattin, H. (2002). Structured after-school activities as a moderator of depressed mood for adolescents with detached relations to their parents. *Journal of Community Psychology*, 30(1), 69-86.

Matos, Z. (2009). *Regulamento da Unidade Curricular Estágio Profissional do Ciclo de Estudos Conducente ao Grau de Mestre Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário da FADEUP*. Porto: FADEUP

Mesquita, I., & Graça, A. (2011). Modelos instrucionais no ensino do Desporto. In A. Rosado & I. Mesquita (Eds.), *Pedagogia do Desporto* (pp. 39 - 65). Cruz Quebrada: Edições FMH.

Metzler, M. W. (2000). *Instructional Models for Physical Education*. Massachusetts: Allyn and Bacon.

Nóvoa, A. (2000). *Vidas de professor*, 2ª Edição, Porto: Porto Editora.

Nóvoa, A. (2009a). Para uma formação de professores construída dentro da profissão. *Revista da Educación* (350), 203-218.

Nóvoa, A. (2009b). *Professores: Imagens do Futuro Presente*. Lisboa: Educa.

Oliveira, J. F. D. (2000). A reforma do ensino médio: a nova formulação curricular e a realidade da escola pública. *Educação & Sociedade*, 21(70), 63-79. São Paulo

Pacheco, J. A., & Flores, M. A. (1999). *Formação e avaliação de professores*. Porto: Porto Editora.

Pimenta, S. G. (2005). *O estágio na formação de professores: unidade, teoria e prática?* São Paulo: Cortez.

Rego, T. C. (2003). *Memórias de escola: cultura escolar e constituição de singularidades*. Editora Vozes.

Rolim, R., Batista, P., & Queirós, P. (2015). *Desafios renovados para a aprendizagem em Educação Física*. Porto: Editora FADEUP.

Rosado, A. (2011). Pedagogia do Desporto e Desenvolvimento Pessoal e Social. In A. Rosado & I. Mesquita (Eds.), *Pedagogia do Desporto* (pp. 9-15). Faculdade de Motricidade Humana.

Rosado, A., Dias, L., & Silva, C. (2002). Avaliação das aprendizagens em Educação Física e desporto. In A. Rosado & C. Colaço (Eds.), *Avaliação das aprendizagens: Fundamentos e aplicações no domínio das atividades físicas* (pp. 11-95). Lisboa: Omniserviços.

Rosado, A., & Ferreira, V. (2011). Promoção de ambientes positivos de aprendizagem. In A. Rosado & I. Mesquita (Eds.), *Pedagogia do Desporto* (pp. 185-206). Lisboa: FMH Edições.

Rosado, A., & Mesquita, I. (2011). Melhorar a aprendizagem otimizando a instrução. In A. Rosado & I. Mesquita (Eds.), *Pedagogia do Desporto* (pp. 69-130). Lisboa: FMH Edições.

Schmidt, R. (1991). *Motor learning & performance: from principles to practise*. Champaign, *Human Kinetics*.

Siedentop, D. (1991). *Developing Teaching Skills in Physical Education*. Mountain View: Mayfield Publishing Company.

Siedentop, D. (1998). *Aprender a ensinar la educacion fisica*. Barcelona: INDE.

Schön, D. A. (1997). Formar professores como profissionais reflexivos, in A. Nóvoa (Org.), *Os professores e a sua Formação*. Lisboa: Publicações D. Quixote, pp. 77-91.

Schön, D. A. (2000). *Educando o Profissional Reflexivo. Um novo design para o ensino e a aprendizagem*. Porto Alegre: Editora ARTMED.

Shulman. L. S. (1996). *Those who understand: knowledge growth in teaching*. Educational Researcher.

Vickers, J. N. (1990). *Instructional Design for teaching Physical Activities – a knowledge structures approach* (1ª ed.). Illinois: Human Kinetics Book.

Zeichner, K. M. (1993). *A formação Reflexiva de Professores. Ideias e Práticas*. Lisboa: EDUCA.